

# A IMPORTÂNCIA DE MOSSORÓ PARA O CONTEXTO ECONÔMICO POTIGUAR

## THE MOSSORÓ IMPORTANCE FOR ECONOMIC NATAL

**ROMERO ROSSANO TERTULINO DA SILVA**

Mestre em Geografia. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

E-mail: [romerotertulino@gmail.com](mailto:romerotertulino@gmail.com)

**Envio em:** Março de 2015  
**Aceite em:** Março de 2015

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise da cidade de Mossoró e uma síntese do seu papel econômico dentro do estado do Rio Grande do Norte ao longo dos séculos XIX ao XXI, além de tentar revelar até que ponto a cidade se insere dentro da nova lógica global em que o estado está submetido. Para tanto, além do referencial empírico baseado especialmente nos trabalhos de José Lacerda Alves Felipe, fizemos uso de vários trabalhos produzidos sobre a cidade por diversos autores, especialmente Denise Elias e Aristotelina Rocha. Percebemos que a cidade sempre teve um papel de destaque dentro da economia potiguar e que, embora sua população esteja prestes a ser ultrapassada pela de Parnamirim, na região metropolitana da capital (segundo o IBGE), a cidade vai continuar tendo um peso econômico considerável e difícil de ser acompanhado por outros municípios potiguares. Para dar crédito a nossa colocação, revelamos, neste artigo, a participação de Mossoró na produção das chamadas economias tradicionais e modernas do estado, procurando entender como a cidade absorve as verticalidades impostas pelo novo momento econômico da economia brasileira e internacional.

**Palavras-chave:** Mossoró. Rio Grande do Norte. Economia. Cidade Média.

## ABSTRACT

*This article aims to analyze the town of Mossoró and a summary of its economic role within the state of Rio Grande do Norte during the XIX to XXI, besides trying to prove how far the city falls within the new overall logic in which the state is subject. For that, beyond the empirical reference based primarily on the works of José Lacerda Alves Felipe, we also made use of various works produced over the city by several authors, especially Denise Elias and Aristotelina Rocha. We realized that the city always had a prominent role within the economy and Natal, although its population is about to be overtaken by Parnamirim, in metropolitan capital (according to IBGE) the city will continue to have a significant economic burden and difficult to be accompanied by other municipalities of Rio Grande do Norte. To give credit to our placement revealed in this article, the participation of Mossoró economies in the production of the so-called traditional and modern state, focusing on how the city absorbs the uprights imposed by the new economic times for the Brazilian and international.*

**Keywords:** Mossoró. Rio Grande do Norte. Economics. Average City.

## 1- INTRODUÇÃO

Berço do que já foi outrora a maior das capitânias hereditárias do período colonial, o estado do Rio Grande do Norte é hoje um dos menores estados do país, ocupando uma área que representa apenas de 0,6% do território nacional. Situado a leste da região Nordeste, o Rio Grande do Norte possui uma posição geográfica privilegiada, por ser o estado mais próximo da África e do continente europeu. Além da posição geográfica privilegiada, o estado conta com uma série de outras vantagens naturais, tais como: grande luminosidade (o que garante um enorme potencial para a produção de energia solar, para o turismo e para a produção de fruta irrigada), ventos constantes, grande salinidade do mar, solos férteis nas chapadas, vales úmidos, recursos minerais, tais como petróleo, gás natural, ferro, dentre outros.

Porém, muitas dessas potencialidades esbarram na infraestrutura do estado que, além de ser precária, é extremamente concentrada, não gerando desenvolvimento para as mesorregiões de forma homogênea. No entanto, contrário a essa tendência de concentração de investimentos, que é nacional, vemos, paralelamente, um grupo de cidades do interior do Brasil que crescem bem acima das cifras nacionais, são as chamadas “cidades médias”<sup>1</sup>, que possuem entre 100 e 500 mil habitantes, como é o caso de Mossoró, no oeste potiguar.

O município de Mossoró é um dos mais ricos, não só do estado do Rio Grande do Norte, mas de todo o interior da região Nordeste. Ao longo de sua história, sua economia esteve ligada a vários ciclos econômicos: já foi uma cidade de tropeiros, empório do algodão, grande produtora de derivados da carnaúba. Já teve, também, como principal economia o sal. Hoje, merecem destaque a produção petrolífera e a fruticultura irrigada. Tudo isso ajuda a entender o papel de Mossoró para a organização sócio-econômica do estado do Rio Grande do Norte, que é o objeto de estudo deste trabalho.

## 2- UM BREVE HISTÓRICO ECONÔMICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Assim como em outros estados da região Nordeste, o binômio cana-de-açúcar/gado foi responsável pelo povoamento do litoral leste e do interior do Rio Grande do Norte, respectivamente. Enquanto a cultura canvieira promoveu uma ocupação humana na região mais úmida do estado, beneficiando-se de um solo mais propício e

de índices pluviométricos mais favoráveis, a pecuária vai desenvolver-se no sertão, área mais seca e de solo pedregoso e, em tese, sem importância para a atividade canvieira.

Apesar da grande importância econômica e social que a atividade canvieira representava para o estado, o Rio Grande do Norte nunca foi um dos maiores produtores nacionais dessa mercadoria. Mesmo assim, tal atividade econômica implantou, no estado, uma organização de espaço que deixou uma herança profunda, a instituição do latifúndio e a produção econômica voltada para o mercado externo.

A pecuária também foi de suma importância para a organização espacial do estado; graças a ela, vários municípios potiguares surgiram, dentre eles: Currais Novos, Pau dos Ferros, Campo Grande e tantos outros das, hoje, mesorregiões Centrais e Oeste potiguar, que se destacaram no cenário regional como “oficinas de carne seca” (FELIPE, 1980, p. 22).

Ao lado dessas duas grandes economias, também é interessante ressaltar o desenvolvimento da cotonicultura, que, no estado, desenvolveu-se especialmente no semiárido, em consonância com o gado. A produção de algodão tornou-se importante para abastecer as indústrias têxteis inglesas, desestabilizadas pela guerra civil estadunidense. De grande importância para o estado, tal economia promoveu um rápido desenvolvimento de várias cidades nordestinas, dentre elas, Mossoró. Após sucessivas crises, a cotonicultura vai perdendo espaço na economia nordestina e se torna, praticamente, incipiente na década de 1970. O que essa atividade econômica teve de semelhante com as duas já mencionadas foi a capacidade de gerar uma organização espacial em torno dela e de produzir para si um território. Mesmo entrando em declínio, como já foi dito, é inegável sua contribuição para a consolidação do cenário econômico potiguar no século passado.

Dentre outras atividades econômicas, essas três merecem destaque nesta primeira parte do texto, por serem classificadas como “fundadoras” do espaço potiguar (FELIPE, 2002). Porém, cabe ressaltar que a crise que as abalou, especialmente durante a década de 1960, diante da mudança estrutural da economia nacional, como um todo, vai permitir a sobreposição de outras atividades econômicas, que vão ganhar espaço dentro de um cenário que é fruto de uma nova Divisão Internacional do Trabalho, mais voltada para o mercado nacional (região Sudeste), e permitir, também, que atividades mineradoras, extrativistas e agropecuárias ganhem espaço no estado.

<sup>1</sup> Não há um consenso sobre o conceito de cidade média, tomamos por base o estudo do ReCiMe (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias) encontrado em SPÓSITO, M. Encarnação Beltrão (Org.). Cidades Médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Esse fenômeno agroexportador, voltado para o mercado interno, ou seja, para abastecer indústrias do Sul/Sudeste, insere o estado em um novo momento econômico, não só pela transferência de uma divisão internacional do trabalho para uma divisão interna, mas, principalmente, por conta desse novo destino das nossas mercadorias exigirem um beneficiamento diferenciado do que existia com as exportações para o mercado externo (FELIPE, 2010, p. 27).

Essa mudança drástica do perfil econômico do Rio Grande do Norte promoveu a falência das chamadas economias tradicionais e, conseqüentemente, uma crise da já modesta economia potiguar. Mas, tal qual a crise de 1929 foi importante para a reestruturação da economia brasileira, a crise das economias tradicionais do estado desencadeou reações, por parte dos agentes locais, para sucedâneos para a crise (FELIPE, 2010, p. 35). Segundo José Lacerda Alves Felipe, a primeira reação é representada por uma industrialização promovida pelos incentivos da SUDENE – que priorizou a estruturação de um pólo têxtil no estado; e a segunda frente, concebida mediante a instituição de políticas públicas que concederam incentivos não só para a construção civil, mas, também, para a

estruturação de um pólo agroexportador.

Importante destacar que tais incentivos provocaram a concentração das atividades econômicas nos dois maiores núcleos urbanos do estado, Natal e Mossoró, sendo o primeiro ainda mais beneficiado que o segundo, por conter, dentre outras coisas, o poder de comando estadual, uma vez que é a sede do poder administrativo.

### 3 - A IMPORTÂNCIA DE MOSSORÓ NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DA ECONOMIA POTIGUAR E SUAS PRINCIPAIS ECONOMIAS

Como foi dito anteriormente, uma das marcas do cenário econômico potiguar é a sua concentração espacial, fato que pode ser observado, também, no que tange ao aspecto demográfico, uma vez que a rede urbana norte-rio-grandense é extremamente descontínua, se comparada a outros estados, como Paraíba, Santa Catarina ou Espírito Santo. Nesses estados, que possuem dimensões geográficas parecidas com a do estado do Rio Grande do Norte, as atividades econômicas, assim como a população, são mais bem distribuídas no espaço geográfico; a diferença de população entre os cinco maiores municípios não é tão grande e a capital exerce um poder de comando relativo.

**Quadro 1** – Distribuída no espaço geográfico Potiguar

<b>Cidades mais populosas do estado em 2000</b>	<b>Cidades mais populosas do estado em 2010</b>
Natal 709.422 hab.	Natal 785.722
Mossoró 213.841 hab.	Mossoró 254.032
Parnamirim 123.475	Parnamirim 195.274
São G. do Amarante 69.342 hab.	São Gonçalo do Amarante 86.151
Ceará-Mirim 62.238 hab.	Macaíba 66.808
Caicó 56.886 hab.	Ceará-Mirim 66.436

Fonte: Disponível no site <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao>

Nessa tabela, podemos perceber como a população tende a se concentrar na área metropolitana da capital e no município de Mossoró, confirmando a tese apontada pelo IBGE do crescimento das chamadas “cidades médias”, em detrimento dos municípios de menor porte, distantes da capital. Outro dado importante de ser revelado é que, embora Mossoró tenha aumentado consideravelmente sua população na última década (pulou de 213.841 para 254.032 habitantes), seu crescimento demográfico está aquém do verificado em Parnamirim, que, em 2000, era de apenas 123.475 habitantes (pouco mais da metade da população verificada em Mossoró) e chegou à marca de 195.274 habitantes no censo de 2010. Ou seja, o órgão aponta que, se mantidos os índices, Parnamirim será a segunda cidade do estado (em relação à população) no

próximo senso demográfico, em 2020.

No entanto, é de grande valia esclarecer que o peso que uma cidade desempenha sobre seu estado ou região não diz respeito apenas ao seu contingente populacional (embora uma grande população, em vias de regra, signifique um maior mercado consumidor). Diferentemente de Parnamirim, Mossoró não está “sufocada” por uma grande cidade, pelo contrário, é uma “cidade média” que está quase no epicentro de duas grandes capitais, Fortaleza e Natal (cerca de 270 km de distância de cada uma). Essa característica, por si só, impõem à cidade a necessidade de criar sua própria estrutura comercial, bancária, hospitalar, jurídica, de transporte, educacional dentre outras. E, além disso, ajuda a cidade a consolidar a sua região de influência,

que, segundo o estudo denominado Regic (Região de influência das cidades), elaborado pelo IBGE, em 2008, engloba o oeste potiguar e parte do leste cearense. Toda essa vasta área de influência de Mossoró para

além dos limites estaduais só é possível dada à relativa distância de outras cidades de médio ou grande porte e graças ao crescimento econômico de Mossoró registrado nos últimos anos.

**Mapa 1** - origem dos produtos exportados pelo RN, em 2005, por região.



**Mapa 2** - origem dos produtos exportados pelo RN, em 2008, por região.



Esses dois mapas, elaborados pelo IDEMA (Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente), ajudam-nos a entender a distribuição das atividades exportadoras do estado, praticamente concentradas

nos municípios de Natal e Mossoró. Embora o IDEMA inclua, na chamada região Mossoroense e Litoral Oriental, muitos municípios além dos já citados, sabemos que, praticamente, toda a produção voltada para a ex-

portação é produzida por estes; sendo os demais componentes das regiões meros “coadjuvantes”.

Fazendo uma intersecção das informações contidas nesses dois mapas com os dados da tabela anterior, cabe-nos uma observação: embora o município de Mossoró detenha pouco mais de 8% da população total do Rio Grande do Norte, que segundo o senso do IBGE/2010 é de 3.168.133 de habitantes, a sua região se destaca como produtora de 43% de tudo que o estado exportou em 2008. Ou seja, enquanto o peso demográfico de Mossoró, no Rio Grande do Norte, é relativo, se comparado a outros municípios do interior do Brasil, em seus respectivos estados (Campina Grande-

PB, Vila Velha-ES, Joinville-SC), seu peso econômico é preponderante.

Hoje, quando se fala no âmbito nacional, o nosso estado merece certo destaque, especialmente diante da sua produção de sal, camarão, petróleo e gás natural, frutas tropicais (especialmente melão) e no desenvolvimento do turismo. Essas economias, com exceção do sal, são denominadas “economias modernas” do estado e figuram, hoje, como algumas das principais fontes de divisas do Rio Grande do Norte. A seguir, podemos observar os principais itens exportados pelo estado nos últimos anos:

**Quadro 2** – Principais pautas de exportação do Rio Grande do Norte por valor de consumo, em ordem decrescente

2004	2006	2008
Petróleo	Melão	Melão
Camarão	Castanha	Castanha
Melão	Camarão	Consumo bordo
Castanha	Petróleo	Açúcar
Banana	Banana	Camarão
Confeitaria	Açúcar	Confeitaria
Peixe	Álcool	Álcool
Açúcar	Confeitaria	Banana
T-shirt	Tecidos	Lagosta
Tecidos	Peixes	Cobertor/manta

Fonte: Dados fornecidos pelo IDEMA

Os números desconsideram a produção voltada para o mercado interno e, por isso, o desaparecimento de produtos de suma importância para a composição do nosso P.I.B, como o petróleo e o sal, nessas tabelas.

Em recente trabalho, publicado no ano de 2010, denominado “Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró”, a pesquisadora Denise Elias faz um estudo do novo espaço mossoroense determinado pela produção cada vez mais globalizada da economia. Nesse trabalho, a autora revela a importância de três economias na organização do espaço mossoroense e, conseqüentemente, potiguar: fruticultura irrigada, petróleo e sal. (p. 104):

É importante lembrar que Mossoró é hoje o primeiro produtor brasileiro de petróleo com exploração em terra e o segundo em volume geral (terra e mar). Da mesma forma, concentra quase a totalidade da extração de sal do país, assim como é o principal produtor brasileiro de melão, voltado, em grande parte, para a exportação para a Europa e Estados Unidos.

destaque em um artigo sobre este município pujante, que é Mossoró, são essas as economias que o projetam no cenário econômico estadual e, por que não dizer, nacional. Damos continuidade ao estudo, fazendo uma sucinta explanação sobre esses três produtos e seus desdobramentos no espaço mossoroense.

### 3.1 O SAL

Uma das economias que remontam à história de Mossoró é o sal, matéria-prima de fundamental importância para as “oficinas” da carne seca no passado; hoje, tal recurso é uma das “marcas” mais profundas da economia da cidade.

Diferentemente do que ocorre em outras partes do mundo, o sal potiguar é marinho e, por isso, até pouco tempo atrás, precisava de certo processo artesanal para ser produzido. A produção arcaica do sal foi quem empregou boa parte dos flagelados pela seca de 1877 (FELIPE, 1980, p. 39); eram milhares de famílias que trabalhavam de forma insalubre, e que retiravam dessa atividade econômica - mal remunerada - sua subsistência.

Beneficiadas pelos incentivos fiscais concedidos pela SUDENE e pela penetração gradativa do capital es-

Embora não sejam as únicas economias que mereçam

trangeiro, as salinas foram lentamente se mecanizando e, conseqüentemente, aumentando sua produtividade. Hoje, podemos dizer que a produção e o transporte de sal – que se dá pelo Porto Ilha - do Rio Grande do Norte estão entre os mais modernos desse segmento no mundo.

Por outro lado, à medida que se aumentou a produtividade nas salinas, foi caindo, de forma drástica, a capacidade de geração de emprego destas. O que transformou em desempregados uma gleba de trabalhadores com pouca ou nenhuma especialização e que, mais tarde, foram parcialmente absorvidos pela fruticultura do vale do Assú e do pólo Mossoró-Baraúna. Muitos destes acabaram migrando para os maiores núcleos urbanos do estado, Mossoró e Natal, insuflando o circuito inferior da economia desses municípios.

Outro aspecto que deve ser destacado é que, apesar do aumento da produtividade, houve uma concentração de produção. Basta dizer que a empresa Salinor (Salinas do Nordeste S/A) produz, sozinha, 45% do sal do país, segundo trabalho realizado por Denise Elias (2010, p.183).

Hoje, o estado do Rio Grande do Norte produz cerca de

5.870.000 toneladas de sal<sup>2</sup>; a maior parte dessa produção é destinada ao mercado interno (a indústria química e a pecuária são os principais setores econômicos que usam o sal potiguar no país) e apenas uma pequena parcela tem como destino o mercado externo; especialmente, é exportado para o auxílio do derretimento da neve nas estradas dos Estados Unidos e Canadá. Além desses, outro país que vem comprando o sal potiguar é a Nigéria, país africano de mais de 100 milhões de habitantes que vem modificando suas legislações que tratam de gêneros alimentícios e que vem estreitando os laços comerciais com o Rio Grande do Norte, dada a proximidade relativa.

### 3.2 O PETRÓLEO

Ultrapassado, recentemente, pelo Espírito Santo, o Rio Grande do Norte é, hoje, o terceiro produtor nacional desta *commoditie* (o primeiro é, isoladamente, o estado do Rio de Janeiro). Dados recentes divulgados no site da A.N.P (Agência Nacional do Petróleo) mostram a queda da produção do estado nos últimos anos:

**Quadro 3** – Produção Petrolífera do Rio Grande do Norte (m<sup>3</sup>)

2000	5.048.943
2001	4.703.556
2002	4.586.433
2003	4.543.131
2004	4.625.350
2005	4.321.891
2006	3.842.095
2007	3.627.666
2008	3.550.463
2009	3.387.559
2010	3.014.641

Como se percebe, o Rio Grande do Norte seguiu em um sentido contrário do encontrado pelo resto do país, que, no geral, vem aumentando a sua produção a cada ano. Em nota, através do jornal Tribuna do Norte (25/02/2010), a Petrobrás afirmou que “a maioria dos campos terrestres do estado já está em produção há mais de 30 anos e é considerada madura para a indústria do petróleo. Portanto, a diminuição da produção está compatível com o grau de maturidade dos campos”.

Apesar dessa queda de produção, a exploração do petróleo é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores vetores da economia do estado e, em particular, do município do Mossoró – maior produtor em terra do país, mesmo diante da maturidade dos seus poços. Algumas medidas já foram tomadas pela Petrobrás para tentar retomar a

produtividade perdida no estado, como, por exemplo, a perfuração de novos poços e o aumento da pressão nos reservatórios (tal procedimento consiste em injetar vapor nos reservatórios e, assim, tornar o óleo menos viscoso e mais fino, ou seja, com maior mobilidade para a extração).

Seria difícil imaginar o peso econômico que o município de Mossoró tem, atualmente, na sua região sem a produção dessa matéria-prima. Instalada na cidade desde a década de 1970, a Petrobrás é uma das empresas mais dinâmicas do estado, capaz de movimentar toda uma cadeia produtiva que articula várias atividades, como: prospecção, perfuração de poços, transporte de material, aluguéis de imóveis, comércios de máquinas e equipamentos dentre muitos outros. Sem falar das várias empresas terceirizadas (nacionais e internacionais)

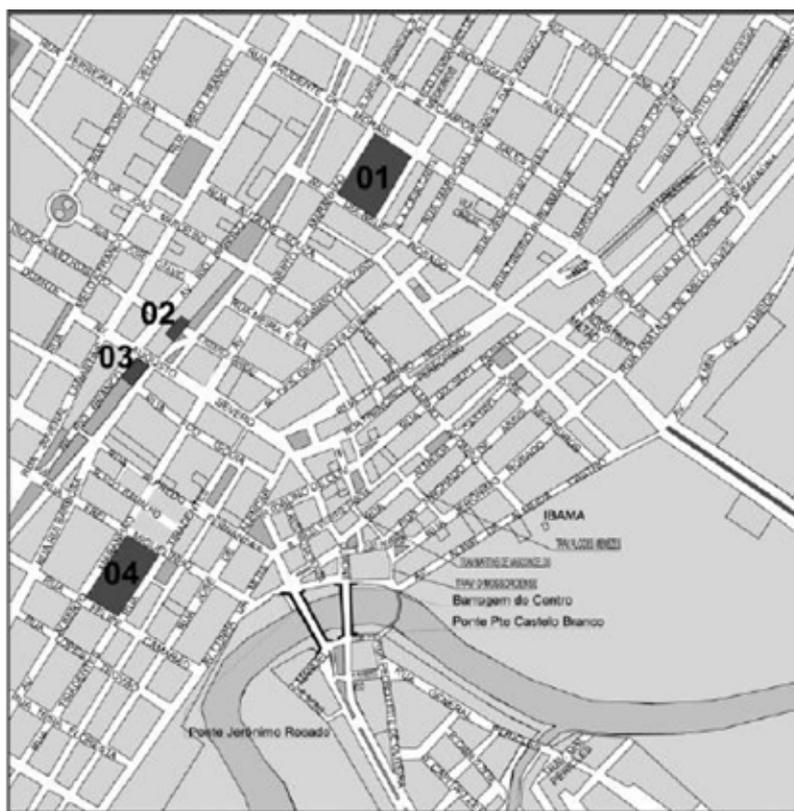
<sup>1</sup> Dado fornecido pelo Sindicato da Indústria da extração de Sal no estado do Rio Grande do Norte. Organização: Denise Elias.

que, juntas com a estatal, injetam, no município (e, também, no estado), milhões de reais, na forma de impostos diretos e indiretos, e geram milhares de empregos, e, conseqüentemente, renda. Enfim, podemos dizer que a produção petrolífera mudou, profundamente, a cara da cidade, trazendo migrantes de todas as partes do Brasil, e muitos até do exterior (muitos destes possuindo mão-de-obra especializada e alto poder de consumo), contribuindo (ou não) para a qualidade dos serviços prestados na cidade (lojas, hotéis, restaurantes).

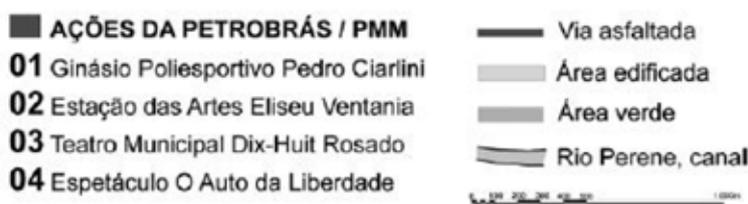
Dentre todos os benefícios advindos da produção petrolífera, o pagamento dos royalties<sup>3</sup> é um dos mais importantes. Segundo o site da prefeitura de Mossoró, houve uma queda no repasse de royalties ao município que, em 2009, era de R\$ 22 milhões e, em 2010, caiu para R\$ 19 milhões, ou seja, queda de R\$ 3 milhões<sup>4</sup>. Mesmo assim, essa é a segunda arrecadação mais importante para o município, atrás apenas do FPM (Fundo de Partici-

pação dos Municípios), que injetou, na cidade, uma cifra de R\$ 51 milhões; está à frente do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) – este repassado pelo governo do estado, responsável pela injeção de R\$ 11 milhões. Como se vê, apesar da queda significativa do pagamento dos royalties, esse repasse fornece a Mossoró uma receita “extra”, incomum à maioria dos municípios brasileiros. Esses recursos são empregados, principalmente, em obras de infraestrutura e saneamento.

Vale também ressaltar que muitas ações realizadas no município, nos últimos anos, foram feitas através de parcerias entre a Prefeitura Municipal de Mossoró e a Petrobrás, em que cada uma delas contribuiu com 50% da verba total (ROCHA, 2007, p. 209), como, por exemplo, o Teatro Dix-Huit Rosado, um dos principais pontos turísticos da cidade, que custou cerca de R\$ 6.000.00,00 ao todo. A seguir, em mapa elaborado pela autora, está a localização das principais obras realizadas por essa parceria.



FONTE: Everaldo Bernardino de Souza - 2002 (mapa base).  
Elaboração: Aristotelina.



<sup>3</sup> Compensação financeira, paga mensalmente por empresas concessionárias exploradoras de petróleo e gás distribuídos a estados e municípios.

<sup>4</sup> <<http://www.prefeiturademossoro.com.br/noticias.php?codigo=MTA1NA>>, Acesso em dia 03 de Janeiro de 2011.

Como podemos perceber, a Petrobrás já injetou, no município, uma quantidade imensa de recursos que contribuíram para dinamizar não só Mossoró, mas todo o Rio Grande do Norte. Porém, apesar de vários outros municípios potiguares também produzirem petróleo, alguns até mais que Mossoró, em nenhum outro a estatal consegue promover tantas implicações sócio-espaciais. Isso se deve ao fato de que, ao contrário do que ocorre em Alto do Rodrigues, Macau ou Areia Branca, por exemplo, em Mossoró há um poder de comando amparado pela rede logística, produção intelectual, rede de serviços e peso econômico que o município já possuía antes da chegada da Petrobrás. Sendo assim, enquanto que, na maioria dos outros municípios citados, os empregos e a renda gerados pela produção petrolífera (com exceção dos royalties) não conseguem dinamizar a economia local, posto que os funcionários, os serviços e as mercadorias usadas vêm de outras cidades, em Mossoró essas demandas provocaram desdobramentos que modificaram a realidade urbana e econômica, de modo que, mesmo que o recurso natural se esgote (o que realmente poderá acontecer daqui a 20 anos), já terá promovido mudanças irrefutáveis para o presente e o futuro da cidade.

### 3.3 A FRUTICULTURA IRRIGADA

Característica natural que, duramente, por muito tempo, foi erroneamente apontada como causa da pobreza na região Nordeste, a baixa pluviosidade que domina boa parte do estado é considerada, atualmente, uma das prerrogativas para o desenvolvimento da agricultura irrigada, com destaque para duas frutas: o melão e a banana.

A produção agrícola sempre esteve atrelada à economia de todos os estados nordestinos, participando da organização social e espacial, como discutido anteriormente. Porém, só recentemente (e em alguns casos específicos) esse setor da economia começou a se modernizar.

Diversas foram as tentativas de promover uma modernização econômica do estado, tanto no governo de Aluizio Alves (1961-1965), como no governo de Cortez Pereira (1971-1975), quase sempre com o uso do capital internacional – estadunidense. Porém, foi no governo do segundo que o meio rural ganhou mais destaque, através de parcerias firmadas entre o poder público e grandes agências de financiamento, como o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e o Banco Mundial.

Foi durante a década de 1970 que o Rio Grande do Norte passou pelo seu maior processo de modernização rural, fruto de ações coordenadas pelo estado, juntamente com empresas privadas, que tinham como pretensão a produção de frutas tropicais para a exportação. Dentro desse contexto, três empresas privadas se desta-

cavam: a Maisa, a Frunorte e a Fazenda São João.

Um dos grandes precursores do desenvolvimento da fruticultura irrigada no estado foi Geraldo Rola, sócio de Nilso Sá, dono da Maisa. Sobre seu sócio, Nilson Sá relatou (2003, p. 217):

Geraldo Rola foi a Israel e voltou para comentar o processo de agricultura irrigada da Maisa. Estudioso no assunto conhecia o poder de fotossíntese da região, da fertilidade das terras, do potencial hídrico da bacia potiguar (estudo coordenado por técnicos da Petrobrás, do Projeto RADAM Brasil e pelo IPT de São Paulo), optando imediatamente, pela cultura do melão, cuja resposta superou as expectativas.

Graças a esse pioneirismo aliado a muitos estudos e debates sobre a produção de frutas no semiárido nordestino, as potencialidades naturais começaram a ser aproveitadas, através da introdução de novas culturas e modernas práticas agrícolas.

Dentre todas as culturas implementadas no estado com fins comerciais, merece destaque o melão, ocupando uma área considerável do noroeste potiguar (especialmente os municípios de Baraúna e Mossoró) e tem como destino principal o mercado externo – principalmente a Europa.

Segundo o IDEMA, o melão foi a principal pauta de exportação do estado nos últimos anos, sendo, assim, um dos maiores responsáveis pela inserção do estado dentro da economia globalizada (em que as trocas de mercadorias entre as nações se tornam cada vez mais intensas). O escoamento da produção é feito, principalmente, pelo porto de Pecém-CE, uma vez que o estado não possui um porto dotado de boa infraestrutura para escoamento em larga escala.

Segundo o senso agropecuário do IBGE, em 2009, o Rio Grande do Norte produziu 201.509 toneladas de melão, o que gerou uma receita de R\$ 123 milhões de reais. Desse montante, cabe a Mossoró a produção de 168.000 toneladas, que gerou uma receita de R\$ 100 milhões, no ano de 2009, segundo o órgão.

Ao contrário de muitas outras cidades do país, como Rio Verde-GO, Rondonópolis-MT e Sorriso-MT, Mossoró não pode ser considerada uma “cidade do agronegócio”, pois essa não é a atividade econômica estruturante do município, mas é inegável o impacto social e econômico da fruticultura em Mossoró e região.

Mossoró está no centro de uma região onde o agronegócio encontra-se em expansão, polarizando municípios, não só potiguares, mas, também, cearenses, com seus serviços, mercadorias e material intelectual. Denise Elias ressalta tal influência em seu livro:

Das novas dinâmicas sócio-espaciais advindas da difusão do agronegócio da fruticultura na região de influência de Mossoró, é possível observar a formação, ou antes, o reforço de uma região produtiva agrícola, comandada pelos agentes hegemônicos do agronegócio da fruticultura. É importante destacar que essa não se restringe aos limites político-administrativos do Rio Grande do Norte, mas o ultrapassa (ELIAS, 2010, p. 141).

A cidade conta com uma universidade federal, a UFERSA (Universidade Federal Rural do Semiárido), que tem vários cursos voltados para a produção agrícola e que muito contribui, do ponto de vista intelectual, para tal atividade, além de uma ampla rede de atividades decorrentes da expansão do agronegócio na região: centros comerciais, empresas de serviços agropecuários, serviço de telefonia rural, feiras e eventos (como a EXPORFRUIT), etc. Cabe ressaltar, também, o aumento do emprego formal no campo, verificado nos últimos anos, que contribui para absorver boa parte da mão-de-obra desempregada pela modernização da salicultura do estado.

Torna-se inegável o papel social e econômico da fruticultura para o estado nos últimos anos, mas, mesmo diante disso, é válido lembrar que tal atividade vem apresentando modestos sinais de enfraquecimento, em virtude do esgotamento do solo das regiões produtivas e, principalmente, da “guerra fiscal” travada pelos estados, o que tem levado várias empresas a se transplantarem para o vizinho Ceará, onde as alíquotas de ICMS são mais atraentes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo dados colhidos no site do I.B.G.E, os estado do Rio Grande do Norte representam apenas 0,9% do P.I.B. nacional, porém, seguindo o rumo de outros estados da região Nordeste, é um dos que mais cresce no país, em termos percentuais. Para muitos economistas, o fato de a região Nordeste ter crescido acima da média nacional está diretamente relacionado com o aumento da renda da população local, favorecida pelos recursos

que vieram dos programas sociais do governo federal, especialmente o bolsa família (a região Nordeste fica com cerca de 50% dos recursos do programa – Isto É, p. 63, 05/01/11), mas não só, é importante ressaltar que a região vem atraindo investimentos em proporções nunca vistas antes, os motivos para tanto são diversos: posição estratégica em relação a outros parceiros econômicos (Estados Unidos, União Européia, África – este último com relações comerciais cada vez mais próximas com o Brasil), produção científica cada vez maior, melhoramento de infraestrutura dentre outros. Já outras razões de atração de investimentos são menos nobres, advém da própria pobreza da região: mão-de-obra mais barata; sindicatos mais fracos, leis ambientais pouco rigorosas e, o mais importante, incentivos fiscais.

Puxada por esses fatores descritos e pelo fato de ser uma cidade de porte médio, onde o capital especulativo ainda não se saturou, Mossoró se consolida, cada vez mais, como uma cidade de grande importância em âmbito não só estadual, mas, também, regional.

Durante quase toda a história do Rio Grande do Norte, Mossoró desempenhou um papel fundamental no cenário político, econômico e social. A economia mundial mudou, significativamente, nas últimas décadas e Mossoró com ela. Nos últimos anos, a cidade viu brotar empreendimentos que modificaram a cara da cidade (construção de condomínios horizontais, shoppings centers, lojas de departamentos, grandes redes de supermercado internacionais, serviços cada vez mais especializados, universidades particulares, etc), quase todos surgidos a menos de uma década.

Santos (2008) afirma que as mudanças promovidas, na nova ordem do capital, ocorrem de forma cada vez mais rápida, não permitindo, muitas vezes, que os lugares se adaptem a elas, o que pode promover a falência dos lugares, como vem ocorrendo em várias cidades do Globo. Diante disso, faz-se necessária uma leitura minuciosa de Mossoró, a fim de se estudar todos os seus potenciais e, assim, revelar a maneira como as mudanças econômicas advindas da nova lógica global podem modificar a estrutura econômico-social local e como esse crescimento econômico pode permitir, também, que haja um desenvolvimento social.

#### REFERÊNCIAS

FELIPE, José Lacerda Alves. **Mossoró: um espaço em questão**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Vol. CXLI, 1980.

\_\_\_\_\_, **Rio Grande do Norte: uma leitura geográfica**. Natal: EDUFRN, 2010.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, Edilson Alves de. **Economia Rio Grande do Norte: estudo geo-histórico e econômico**. João Pessoa: Editora Grafset, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rn>>

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE. Disponível em <<http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/principal/enviados/index.asp>>

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. Disponível em  
<[www.prefeiturademossoro.com.br/noticias.php?codigo=MTA1NA](http://www.prefeiturademossoro.com.br/noticias.php?codigo=MTA1NA)>

ROCHA Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão Urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004):** geografia, dinâmica e reestruturação do território. Natal: EDUFRN, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_, **O espaço dividido:** Os Dois Circuitos Da Economia Urbana Dos Países Subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SEGALLA, Amauri. **Onde Lula é rei.** Isto É. Ano 35, n. 2147, 05 de Janeiro de 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Cidades Médias:** espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro (Org.) **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional:** Passo Fundo e Mossoró. São Paulo: Expressão Popular, 2010.